

O KALEIDOSCOPIO.

PUBLICAÇÃO SEMANAL DO INSTITUTO ACADEMICO PAULISTANO.

N.º 19.

SABBADO 11 DE AGOSTO.

1860.

Retratos á lúpsia.

ELIAS LOBO.

Muita gente pensava que o Sandoval tinha batido a linda plumagem: em prova do contrario reaparece elle hoje escudado com o nome de um habilissimo artista, em satisfação aos leitores. Sahe d'esta vez do circulo dos academicos e dos litteratos, homens da sciencia ou poetas, para entrar no mundo da mais encantadora das artes, da arte que não se dirige á cabeça, mas só sabe fallar ao coração, da divina predilecta de Apollo e dos anjos, quero dizer da musica.

A primeira qualidade de um musico,—não fallo dos musicos de officio, mas do levita da arte, do *maestro*—, é a sensibilidade, a delicada irritabilidade do systema nervoso, essa predisposição para a loucura, quando não é o symptoma caracteristico do genio musical. Mas em que consiste essa faculdade? porque ella não pôde ser a sensibilidade do vulgar dos homens. Como se reconhece? quaes são os seus effeitos? Mystérios da organização humana! A sensibilidade musical é mais dos nervos do que d'alma; não é um phenomeno psychologico, é antes physiologico; não se concebe nem se demonstra, percebe-se, *sente-se*. A sensibilidade *sente-se*, não é um *idem per idem*; a consciencia não tem consciencia de si mesma?

E' a sensibilidade a fonte da melodia. Mozart é profundo, sabe o que diz; Rossini é brilhante, diz o que sabe; Bellini diz só o que sente. Mozart é a musica, su'alma a arte no mais elevado do ideal; Rossini é a orchestra, tem a bossa da sciencia da vida, é um homem de espirito; a alma de Bellini é a sensibilidade. Que melodias egualaram jámais os threnos da *Norma*?

E conheceis talento mais energico, concepção mais robusta do que a do musico, simultaneamente compondo e executando, pon-do a synthese do canto e desinvolvendo por uma analyse subtil e completa ponto por ponto dos pensamentos agglomerados n'uma phrase melodica, estudando as vozes e distribuindo um sopro d'ellas pelos centenares de instrumentos de uma orchestra variada? Operações tão diversas por sua natureza, elementos

tão varios e á primeira vista oppostos, fundem-se n'uma peça inteiriça na cabeça do mago que os concebeu, accordam-se, homogeneisam-se pela communhão da vitalidade e da força. Eis o summo esforço do humano engenho!

Não é, pois, um talento vulgar o do compositor. Infelizmente, porém, esta terra ainda tem muito gosto pelas vulgaridades. Morreu José Mauricio, sem ninguem procurar saber para que veio ao mundo. João dos Reis, natural da poetica e sonhadora Minas, do cantão musical do Brasil, devendo figurar no catalogo dos mais insignes *baixos profundos*, depois de ter feito as delicias da religiosa côrte de D. João VI, digno contemporaneo de J. Mauricio, de Pedro Teixeira e Marcos Portugal,—quem é que conhece João dos Reis nem de nome, nem por ouvir dizer? Tenho fé, porém, de que uma excepção hade ser aberta em favor do Snr. Elias Lobo.

Talento vasto, sua estreia é uma opera excellente; trabalhador, seus raros lazeres são consumidos na conversação dos mestres, no estudo dos harmonistas, no ensino da musica. Estuda Rossini para instruir-se, Bellini e Donizetti para *sentir*, educar a sensibilidade, Verdi para evitar os defeitos das escholas contemporaneas. Modesto, aceita o juizo dos outros, depois de discutir, bem entendido: elle não admite imposições, reconhece juizes, mas não sentenças absolutas, e quando resplandece a verdade, passa um traço de penna n'um compasso, e reconsidera até acertar.

Singelo em suas maneiras, une a probidade ao talento, e além da musica não ha sinão duas coisas que o distraiam: sua familia e seus amigos. Traja com simplicidade, fuma cigarro de Goyaz, trabalha de noite e almoça na cama. Elle não conversa, *diz*; não conta, narra: o que lhe sahe dos labios, vem puro e limpo do coração. Falla um patuá paulista muito pittoresco: não se enthusiasma, é calmo e reflectido: na intimidade dos amigos expande-se, mas essa animação não n'a perceberéis pela gesticulação, elle nunca gesticula, mas só pelo sorriso e o brilho dos olhos.

Figura singularmente sympathica, inspira confiança aos mais escrupulosos. Tem na frente a veia levantada do talento e as rugas

transversaes da vontade forte, si não mentem phrenologistas. Sua opera é uma inspiração, mas inspiração pensada; é a expansão reflectida, o lento desbrochar de uma sensibilidade que desperta, uma emoção vivamente sentida, mas traduzida pelo trabalho da execução.

A *Noite de S. João* tem defeitos, nem pôde ser um primor d'arte. Ha um vago de monotonia, um fundo melancholico predominante e que modera a alegria quando apparece o espirito. Os recitativos são todos parecidos, a instrumentação podia ser mais rica, mais variada em seus effeitos; mas quem não vê aqui as consequencias da idade, da falta de habito e da observação da scena? São faltas que só o tempo pôde incumbir-se de apagar. Em compensação, ha muito estro, muita originalidade labutando com o apertado das formulas, mesmo porque o emprego das formulas não é facil sinão para quem possui longo traquejo e consummada applicação da sensibilidade musical.

Uma das bellas faculdades do Sr. Elias Lobo é o bom-senso, isto é, o gosto; a outra é o ponto de vista. Com o bom-senso e o ponto de vista, elle soube interpretar pedaço por pedaço do interessante *libretto* do Sr. José de Alencar, cujos versos, alias, Bellimi não poria por musica. Sabe-se que o mestre da melodia foi o primeiro que tentou conciliar a letra com a nota, de modo que a musica não prejudicasse á poesia: para o que exigia do seu poeta versos já por si doces e musicaes. Era ainda sensibilidade.

O Sr. Elias Lobo é essencialmente grato: reputa-se sempre inferior á aquelles em quem reconhece intelligencia, até julgar que esses *levantam-n'o* pela distincção com que o acolhem.

E' a modestia o esplendor de seu talento.
Agosto de 1860.

Sandoval.

EDUCAÇÃO.

EXERCÍCIOS DE COMPOSIÇÕES.

XIII.

Já pensastes algum dia, meus caros meninos, na obrigação em que estaes para com os vossos progenitores, para com esses seres de quem houvestes a existencia, para com esses protectores que vos destinou o Ser Supremo, que comvosco despendem tantos cuidados, repartem tantos affectos, a quem tantos traba-

lhos daes, que por vós tanto teem soffrido e soffrem, que são incançaveis em busca do vosso bem e que tanto sentem os vossos males?

Alguma vez veio já ao vosso pensamento a idéa da enorme divida que deveis aos vossos paes, que deveis ás vossas mães, entes que comvosco tanto se disvellam?

Talvez que ainda não; sois tão jovens, que não é para admirar-se que vos não tenha chegado ainda a occasião de pensardes nisto, posto que mesmo na vossa idade o coração já falle; apesar de que mesmo nos mais tenros annos a gratidão se manifeste; e apesar mesmo da importancia de uma tal consideração.

Feliz, porém, bem feliz aquelle que cedo começar a comprehender os deveres a que está sujeito um filho; feliz, bem feliz o filho que cedo começa a pagar com a gratidão a grande divida da sua criação; pois que bem cedo o seu coração começará a gozar o mais doce dos prazeres; bem cedo experimentará o melhor dos contentamentos; o mais infavel gozo de celeste felicidade.

Que cuidados, que sacrificios causamos aos nossos paes! Quantas magoas, quantos trabalhos passam por nossa causa, nossas mães! Antes mesmo dessa hora em que vemos pela vez primeira a luz do dia, muito tempo antes do momento em que nascemos: começamos a ser objecto de cuidados aos nossos paes; de trabalhos, soffrimentos e disvellos ás nossas mães! E estes cuidados e estes trabalhos, soffrimentos e disvellos se redobram, crescem de dia em dia com o nosso crescimento; vão augmentando em proporção que em tamanho e em idade nos augmentamos!

Com a nossa criação, nos nossos padecimentos, com a nossa educação, o que de cuidados, o que de magoas, o que de sacrificios por nós fazem os autores dos nossos dias! . . . Vigílias, privações, dispendios, tudo, tudo por nossa causa, para bem nosso; estão constantemente e sempre o pae e a mãe dispostos a soffrer!

E a mãe, sobretudo, a mãe, que nos nutre em suas entranhas, que nos alimenta com o seu leite, que nos cuida nesse periodo em que mais trabalho damos, com quem aprendemos a articular os primeiros nomes, que nos guia os primeiros passos: quanto lhe devemos; de quantos beneficios é credora?!

Considerae, considerae, caros meninos; e então ajuizareis da enormidade da divida a que estaes sujeitos; da divida que contrahimos para com os seres a quem o ser devemos.

Celso ainda era bem pequeno, e já tinha comprehendido o seu dever para com sua mãe. Elle mal conheceu o paé, porque o perdeu quando ainda era criança; e assim todo o seu amor foi votado ao ente de quem nasceu.

«O meu Celsinho, dizia a mãe ás suas amigas, quer-me tanto bem, é tão meu amiguinho, que se priva até dos seus brinquedos, somente para estar sempre ao meu lado vigilante, e espera que eu o occupe em algum mister que necessite. E' o menino mais servicial que já hei visto; agora ajuda-me nos meus trabalhos, logo busca meios de detancançar-me; ora conforta-me com os seus ditos engraçados; ora compartilha das minhas magoas; e procura suavizar-as!»

E na verdade, Celso era merecedor dos elogios que sua mãe lhe fazia.

Maria, a mãe de Celso, ficara viuva e com poucos teres; e a não ser o seu bom filho, bem difficil lhe seria educar, como educou, as quatro filhas, irmans de Celso. A' medida que este menino bem inclinado ia crescendo, se ia cada vez tornando mais util á sua mãe e ás suas irmans. Sempre disposto ao trabalho, começou bem moço a ganhar com que occorresse em parte ás despezas da familia. Dotado de um espirito laborioso, tambem o era de talento e amor á instrucção; e assim Celso não perdia um só momento em que podesse cultivar a sua intelligencia; era dado aos livros; e fez grandes progressos no conhecimento delles. Estudava com affinco, e gozou fama de ser bom estudante. Unicamente recorrendo aos seus esforços, achou meios de se illustrar. Com o trabalho e economia alcançava não só para satisfazer ás despezas com a sua instrucção, mas mesmo em parte com a casa de que se havia tão jovem constituido chefe.

Aos vinte e um annos, Celso tinha conseguido já sua formatura em direito; e apesar de ter então oportunidade de encartar-se na magistratura, ou seguir a carreira administrativa, que tantas vantagens e honras lhe offereciam, elle preferiu dar-se a advocacia, vida sem duvida mais modesta e de futuro mais incerto, somente para não separar-se de sua querida mãe.

Despresou mesmo casamentos vantajosos, só para não ter de dividir o amor que á mãe havia dado; para ser ella sempre o objecto dos seus cuidados, e com ella só prodigalisar toda a sua ternura.

Celso é um exemplo dos bons filhos.

C. Y. 17 de Abril de 1857.

A vingança d'um irmão.

(Continuado da p. 151)

V.

«Pensas tu que se a cabeça me corresse algum risco, eu a expuria por te salvar?—Oh—que não!—Tambem tenho a minha vingança e quero solgar depois de a ver satisfeita...»

(A. HERCULANO, O BOBO.)

Henrique recolheu-se a sua habitação.

A aparição daquelle velho, a maneira extranha por que elle se apresentou, o mysterio em que se envolvia, o modo firme e convicto com que lhe fallara, a promessa que lhe fizera de no dia seguinte ir procural-o, á hora que escolhera, meia noite menos um quarto, qual a significação de tudo isso? O que pretendia o velho dizer-lhe nessa hora? De que meios poderia um mendigo dispor para assegurar-lhe o goso do seu amor e a satisfação da sua vingança?

Henrique luctou largas horas com estes pensamentos capazes de impressionarem qualquer espirito são, quanto mais o seu que estava enfermo.

Deixou-se cair na primeira cadeira que encontrou.—Immovel, pallido, quasi desanimado a manhã o vio sentado na mesma posição que tomara, horas antes. Fora-lhe uma noite de vigilia eterna, cruel, pungente, noite de provaça perigosa, travada de amargores, porque durante ella seu espirito deu o combate supremo e final contra a virtude e contra o vicio.

Sua alma desfalleceu e succumbio nesta lucta... Satan deveria ter dado uma gargalhada de prazer e de escarneo porque mais uma vez a causa do mal triumphou. A providencia parecia ter largado mãos d'uma causa em que a virtude era tenazmente atacada. Digamos antes: Nesta noite melonha para os combatentes, mais uma vez a virtude foi sacrificada ao crime, ou mais uma vez ella servio de instrumento á punição do crime.

Tudo concorria para a victoria do mal.

D'um lado uma jovem cuja natureza ardente cavara-lhe fundo no coração um amor immenso que, só, o alimentava um amor que lhe corria nas véas como seu proprio sangue, que ainda era mais: para possuir este amor ella sentia-se capaz de sacrificar a vida, porem para conservar a vida, ella não sacrificaria o seu amor.

D'outro lado um jovem que parecia comprehendel-a, que sentia por ella uma paixão

louca, insondavel, que ás vezes se aproximava a uma paixão selvagem, medonha.

Collocae agora entre estas duas criaturas uma barreira insuperavel: ameacai-as de um golpe tremendo que lhes vá separar o amor, e o que tereis? a loucura ou o crime, nunca, porem, a abnegação.

Mostrae-lhes, porém, um caminho seguro em cujo termo estas duas almas se encontrem, se liguem para nunca mais se separarem, e ellas se lançarão cegas, dilirantes, sem olharem por onde pisam porque as impelle a paixão.

Essa barreira era o Sr. Gonçalves.

Esse caminho era o rapto de Julia.

Mas porque motivo o Sr. Gonçalves se collocára entre Julia, sua filha unica, sua unica ambição, e o seu futuro de moça ridente de esperanças e de amor? Porque trocar-lhe esse futuro por um futuro de dores e de amarras? Seu unico affecto—porque esmagal-o aos pés? Porque não consentir na sua união com o homem que ella escolhera, com o homem cuja existencia estava ligada a sua por um laço fatal, insolúvel? Seria unicamente por um requinte de maldade? Acaso o Sr. Gonçalves era um desses homens, que sentem prazer em derramarem lagrimas de todas as pessoas que com elles estão em contacto?—

Julia lhe havia confessado tudo, Julia se lhe havia arrojado aos pés, supplicando mercê por seus amores.—Affastal-a de Henrique, lhe dissera ella, era impellit-a á sepultura. Minha filha, lhe respondeu seu pai: para te unires a Henrique será preciso que primeiro passes sobre meu cadaver; e minha alma reproba, por ti será lançada aos infernos!—Julia nada mais disse; callou-se e esperou que seu amante a salvasse.

Comtudo, bem se vê, uma causa mysteriosa une e repelle estas tres criaturas.—Qual será ella?

Daqui a pouco o sabereis. Henrique havia escripto no seu Diario: «Talvez que algum crime bem horrivel horrifasse de sangue o meu corpo infantil...»

.....
Longo, e triste foi o dia que Henrique passou luctando contra pensamentos tão oppositos. O tempourgia. Dahi a dois dias devia ter lugar o casamento de Julia; cumpria pois decidir-se.

Anoiteceu.

A anciedade de Henrique era indissivel. Cada hora que se escoava retumbava-lhe no coração como um grito de angustia, como brado de morte. O relógio parecia um tumulto a

marcar-lhe as horas da existencia, parecia-lhe que em cada hora que soava, a imagem de Julia recuava-se delle ao passo que o tumulto se lhe aproximava—aberto, vasio a espera d'um cadaver.

A idéa de raptar Julia o dominava, era o unico meio de subtrair-a ao casamento. Mas o velho lhe havia dito que esperasse... Esperar!... Deus sabe se n'um coração como o delle a esperança pode raiar!..

O relógio bateu onze horas. Henrique correu á janella: ainda não era tempo: a rua estava deserta e silenciosa.

Elle pensava no velho. Este pensamento o atormentava, acabrunhava-o, prendia-o áquelle desconhecido. Por mais que quizesse não podia convencer-se de que elle fosse um impostor; convencera-se antes que aquelle individuo, quem quer que fosse elle, grande influencia tinha de exercer sobre o seu destino. Mas quem será elle?.. Era a pergunta que durante o resto da noite e o dia seguinte dirigia a si. O mendigo lhe era um mysterio.

Esperava-o. O coração pulsava a encomodar-lhe o peito.

O relógio bateu onze horas.

As pernas de Henrique fraquearam-se, o animo o desamparou, uma nuvem passou-lhe pelos olhos.

Depois elle se reanimou. Alguma coisa de intimo lhe dizia que esta era a sua hora suprema, que nesta hora uma sentença irrevogavel ia-lhe dicidir da vida.

Tres pancadas soaram mansamente na porta. Onze horas e tres quartos soaram ao mesmo tempo.

—Entraí, disse Henrique commovido.

—A porta se abriu, o velho entron.

A salla era fracamente allumiada pela luz d'um candieiro.

—Finalmente! exclamou Henrique, sem saber se este grito era de alegria ou de medo.

O mendigo sentou-se socegradamente.

—Mancebo tens então muita fé em mim? Cres que te posso valer? A tua exclamação denotava anciedade: esperavas-me como se espera a morte, ou a salvação?

—Não sei, lhe respondeu Henrique: Hontem me diseste que te esperasse e eu esperei. Falla. Sómente te digo que daqui á dois dias Julia se casa... Si a podes salvar—salva-a... Sinão vai-te embora.

O velho sorriu-se.

—Tem paciencia, moço.—Porque tua amante está em vespas de ligar-se a outro homem, cres haver sorvido, té o fundo a taça do infortunio?.. Tu és um louco!.. O cora-

ção do homem pôde soffrer ainda mais, continuou elle com vós rouca,—pôde aproximar-se mais de perto da dôr, toca-la e não desanimar, quando alenta-o um brado de vingança, quando este brado quebra o silencio de um tumulto para vos seguir como a vossa propria sombra!.. Um homem escarrou-te na honra, feriu-te no coração—paga-lhe escarro por escarro, e quanto ao amor... Escuta. Vou contar-te a historia que soffreu mais, que passou por todas as torturas do amor, que curtiu todas as torturas de um insulto horrivel... Esse homem, porém, viveu... porque queria vingar-se... porque á sua vingança estava ligado o repouso de uma alma... porque, noite e dia parecia-lhe ver um cadaver remover-se no fundo de seu tumulto!.. Silencio!.. Ouvir-me-has até o fim! Depois falaremos de ti e de tua amante!..

O desconhecido callou-se por alguns instantes. Quem lhe observasse os movimentos veria que as mãos lhe pousavam sobre o coração, apertando sobre elle alguma cousa que se não podia distinguir. Um lenço vermelho lhe encubria quasi todo o rosto, via-se, porém, que os olhos lhe fulgiam com fulgor diabolico.

O mendigo começou a sua historia.

« Houve em Lisboa um homem, já velho e enfermo, que tinha por lenitivo da idade e dos encommodos dois filhos gemios. Sua companheira, apos dôres horriveis, morrera ao lança-los a luz.

« O velho amou as creanças como pai extremoso, e addicionou á esse affecto o amor e a saudade que sentia por sua mãe.

« Este homem era possuidor d'uma riqueza imensa.

« Sua unica ambição, os gemeos cresceram encontrando nelle o affecto paternal e a ternura d'uma mãe desvellada.

« Os gemeos recompensavam-lhe tanta dedicação. Sempre unidos, doces aos seus conselhos, as qualidades que começavam a caracteriza-los bem denotavam que a honradez e elevados sentimentos do pai seriam succedidos pelos dos filhos. Nem o velho poupava dinheiro para educa-los, para desenvolver-lhes as qualidades que tão propiciamente nasciam.

« Cresceram. Citavam-nos como exemplo digno a ser imitado. Os irmãos pareciam-se em tudo: os mesmos gostos, as mesmas inclinações, as mesmas esperanças os faziam duas vezes irmãos.

« O velho quando os viu aptos para a vida mercantil, em que principalmente elles tinham

sido educados, e para o que manifestavam tendencias pronunciadas, pensou que chegada era a hora de descançar, que trabalhado já havia de sobejo e assim entregou-lhes a gerencia da casa.

« O bom do velho se julgou feliz.

« Todas as noites, ao abençoar os filhos, seu estribilho constante era: Meus queridos filhos, nunca vos haveis de separar.

« Um dia o velho sentiu-se mais encommo-dado que de costume. O medico chegou, e, ao examina-lo, extremeceu empallidecendo. A molestia apresentava symptomas atterro-dores, equicá a morte já pairava em torno delle.

« Foi uma hora pungente para o pai e para os filhos essa em que elles se iam separar. Foi ali que se manifestou á evidencia o laço que unia estas tres creaturas. Foi uma dor profunda, porém muda—nem lagrymas, nem gemidos, nem soluços: sentiam, estavam convictos desse sentir, por isso callavam-se.

« O velho, vendo que a morte se aproximava, fez um esforço supremo e chamou os dois filhos para juncto de si. Collocou as mãos tremulas e emagrecidas sobre suas cabeças, e lhes disse com vós enfraquecida mas solemne:

«—Meus filhos,—é das bordas do tumulto que eu vos fallo pela deradeira vez. Attendei bem as minhas palavras e observa-as religiosamente porque são as ultimas que eu vos direi antes de distar-me para o somno eterno. E' o conselho de um pai muribundo, é a sua vontade sancionada pelo Altissimo, cuja presença eu entre-vejo; é uma lei sagradissima para vós ambos e a cuja observancia se liga minha bençãam suprema, e no caso contrario a minha maldicção eterna. Com um pé no tumulto, ás portas da eternidade, eu vos digo: Meus filhos, é minha vontade que vivaes sempre unidos. Casar-vos-heis. tereis filhos, sereis felizes, mas formando uma só familia. A fortuna que vos deixo nunca será dividida em quanto viverdes: se assim o fizerdes a bençãam d'um extremoso vos acompanhará sempre... Senão sereis amaldiçoados!..

« O velho poucos instantes depois morreu, recebendo dos filhos os ultimos signaes de veneração;—morreu certo que os filhos observariam suas ultimas vontades.—

(Continúa.)

ESTANCIAS (*)

EM RESPOSTA Á UMA POESIA QUE ME
FOI DIRIGIDA POR J. M. SERRA.

Chantre ami, qu'à toi seul en retourne la glorie!
Mes chants naquirent de tes chants.

J. RENOUL.

Acabo de rler teus lindos versos,
Echos fieis de um sentimento nobre,
Da voz do coração.

Dou-lhes merito e preço bem diversos
D'esses que estampa o pensamento pobre
Em gelida oração.

Em mim, no peito meu calou bem fundo
Essa phraze viril, de fé repleta,
Gravada no papel.

Si peregrinos vamos pelo mundo,
O astro que nos guia é luz do poeta,
E o gózo é flor e mel.

Que nos importa á nós que a turba diga
Ser nulla a voz do bardo e nullo o canto,
Esteril seu rimar?

Cega e louca ella é! nossa cantiga
Salva do olvido ao pó, da morte ao manto
O que deve durar!

Do puro amor, do heróe, do rei, do povo,
Da crença e do altar vive a memoria
Do vate nas canções.

Um verso é sempre um monumento novo,
Uma estrophe equivale á voz da historia,
Os poemas são brazões.

Quem ergue á Deus su'alma? quem lhe implora
Na prece ardente o paternal cuidado
Do mendigo em favor?

Quem suspira, quem pede, geme ou chora
Pelo perdão de um pobre desterrado,
Seja Homero ou Victor?

Quem dá consolo á mãe que vê sem vida,
Pallido, inerte e frio o filho amado
No regaço á dormir?

(*) N'estes versos, caza a elevação da idéa com a nobreza dos sentimentos do poeta offendido no amor de sua musa: é um grito de indignação da arte contra as tendencias mercantis da sociedade; dir-se-hia que o autor escreveu estas estancias depois de acabar a leitura de Charterton, ou ao saber da prostituição de algum genio desvairado pela corrente impetuosa da epocha. Seja o que for, saudamos n'elle um talento de primeira ordem, e em sua obra um primor d'arte.

E á propria multidão impia e descrida
Quem descerra a cortina do passado,
Explicando o porvir?

Quem ama, pinta ou canta a magestade
Do monte erguido ou do oceano extenso,
Ou do bosque a mudez?

Quem reclele no verbo a claridade
Do sol ou d'uma estrella o brilho intenso
Que Deus remoto fez?

Oh! que ao certo não é esse que á praça
Corre offegante em busca do dinheiro,
Apoz vil transacção!

Suga o agiota o sangue á populaça;
Tira ao pobre o ceitel seu derradeiro
Metallico barão!

Não curvemos, oh não! a fronte augusta
A' pequenez mundana, á vil miseria
Que gyra em torno á nós!

O cancro social nos não assusta.
Ergam anões louvores á materia,
No erguel-os serão sós!

Nós, longe d'elles, por diversa estrada
Firmes, seguros caminhando ufanos,
D'olhos fitos nos céus,

Teremos nossa frente laureada,
Pois que são os poetas soberanos,
São os anjos de Deus!

De mãos dadas, amigo, longe iremos
Co'a lyra em punho á descantar louvores
A' Deus, á patria, ao amor.

Virente palma ao certo ganharemos,
Redolente festão de lindas flores,
E as bençams do Senhor!

Maranhão, 1860.

Gentil H. de Almeida Braga.

Authographo de C. Colombo.

Escreveu o capitão Anherville, da barca Chieptain, de Boston, a um jornal americano, que achando-se em Gibraltar a 20 de Maio de 1853, para fazer alguns concertos no navio, passou o estreito, e foi até á Africa, para caçar, e em busca de curiosidades geologicas. Na volta exigio o vento que se mettesse mais algum lastro na embarcação; levantou um dos homens o que julgou ser um pedaço de rocha, e ficou admiradissimo de lhe achar muito pouco peso; julgou ao principio que era uma

pedra pomes, mas reconheceu depois ser uma caixa de cedro.

Abriu-a, achou dentro um côco envolvido em resina, e dentro d'elle um pergaminho coberto de lettras gothicas, quasi illegiveis, e que ninguem soube decifrar. Ao chegar a Gibraltar, recorreu o capitão a um livreiro americano que passava por sabichão, e logo lhe offereceu este, nada menos de 300 piastras pelo tal pergaminho. O outro recusou. Leu-lhe então o americano, e traduzio-lhe para hespanhol, o que alli se achava escripto. Era uma carta a Fernando e Isabel dos catholicos, em dacta de 1493, e que resava assim: «E' impossivel resistir um dia mais a tempestade! estamos entre a Hespanha e as ilhas do Oriente: se lór para o fundo a embarcação, oxalá que ache alguém este documento.»

Seguia-se depois traçada com mão firme, e com lettra corrida, a assignatura de Christovam Colombo.

Deveu boiar esta preciosa reliquia 358 annos no Oceano!

MUSICIANA.

A primeira vez que se representou em Londres o *Ultimo giorno di Pompea* de Paccini, enterraram a peça, o proprio Mario esteve máu. No dia seguinte, encontram-se dous *dilettanti*, um dos quaes não tinha assistido ao espectáculo.

—O que houve hontem? o que viste de bom? perguntou este.

—Mario sentado nas ruinas de Pompeia.

Bonaparte, tendo assistido á representação de uma opera de Paisiello, onde tinham intercallado uma aria buffa de Cimarosa: *Sei morelli e quatro bai*, ficou tão encantado da musica que acabara de ouvir, que dice ao seu compositor favorito: «Muito bem, *maestro*, vossa opera é muito divertida; a aria de *Sei morelli* sobretudo causou-me um prazer infinito.» Desapontado por este cumprimento, Paisiello inclinou-se sem dizer uma palavra, guardando-se de confessar á esse menino terrível que o pedaço que o tinha impressionado, era precisamente o unico cuja paternidade não lhe era permittido reivindicar. (*Extrah.*)

O rei Fernando IV de Napoles cultivava a musica, tocava sanfona, ia á pesca e divertia-se em vender aos seus caros *lazzaroni*, cujos costumes tinha, os productos de sua real industria. A rainha Carolina empregava seus lazeres e sua mocidade em galanterias mais ou menos reparadas; os cortezãos faziam sonetos, e o inglez Acton governava o reino, o que fazia dizer aos gaiatos:

Hic regina,
Hæc rex;
Hic, hæc, hoc Acton.

Não sei si foi a sanfona do rei, si a gracia, sidade da rainha, si o *hic, hæc, hoc* de Acton—que despedaçou essa realza de carnaval.

Hasse deu por *Morgengabe*, isto é, por presente de nupcias, á bella Faustina um lindo papel na primeira opera que escreveu para ella, *Dalisa*, e que foi representada em Veneza em 1730.

MOSAICO.

Um pupillo consultava seu tutor sobre o melhor emprego que tinha a seguir. O tutor, homem já velho, sincero e desabusado, lhe respondeu: «Meu filho, si pedes o meu voto, sê medico.»—«E porque não hei de ser antes advogado?»—«O advogado, meu filho, vive na terra com os seus erros na frente: o medico enterra sempre os seus com os doentes.»

A academia de Perusia chamava-se dos loucos, a de Pisa—dos extravagantes, a de Florença—dos humidos, a de Genova—dos adormecidos, a de Alexandria—dos immoveis, a de Città di Castello—dos absurdos, a de Fabriano—dos desunidos, a de Macerata—dos encadeados e a de Rossano—dos destimidos.

Certo bispo tendo ido á cõrte de Roma na esperança de alcançar um chapéu de cardeal, voltou sem elle ao seu bispado, opprimido com grandissima tosse: «Não é de admirar, dice um sugeito, porque veiu de Roma até aqui sem chapéu.»

O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.

(Continuado da pag. 152.)

FERN.—Sim, sua morte! porque eu—matei-o!

GRA.—(Baixo). Que dice elle?

MAR.—(Mais placida e socegada ainda). Deus lhe perdõe seus crimes e todo o mal que me fez: era dever teu matá-lo, Fernando, e por isso não careces de perdão.

FERN.—(Na maior alegria). Ah! seu rosto não empallideceu! sua mão não tremeu! suas lagrymas não correram!... Ella é innocente!—Maria! aqui! aqui! em meus braços! sobre o meu coração!

MAR.—(Nos braços de Fernando). Ah! Fernando, meu Fernando!

SIM.—(A Graça). Patrão, não tem agora saudades da terra?..

GRA.—Muitas, meu filho; e tambem da minha santa Eva...

SCENA 12.ª

Os mesmos, a Condessa, o Conde e Guardas.

COND.—Que vejo!

CONDES.—Nos seus braços!

SIM.—Ainda duvida? (A' parte). Que tarasca!..

COND. e CONDES.—O que quer isto dizer?

FERN.—(Com força). Quer dizer que parto hoje, agora mesmo, e que a levo commigo!

SIM.—Ouve, sra. Condessa; elle dice que a leva commigo...

FERN.—Para a minha casa, para o meu lar...

SIM.—(Aos guardas, com arrogancia). Andem: apromptem as trouxas!

CONDES.—O senhor esquece-se de que se não póde sahir desta casa?..

SIM.—(A Graça). Cá está a velha com nosco: para cá não péga.

GRA.—Si a duvida é esta, aqui está uma ordem do sr. Inspector para se deixar sahir a sra. Viscondessa.

FERN.—Saíamos, Maria.

SIM.—V.ªs Ex.ªs podem ir no carro aqui da sra. Condessa, (á parte) que veiu buscar lá e sabiu tosquçada.

FERN.—Vem, Maria.

MAR.—Sim, vamos.

COND.—(Baixo, á Condessa). Novo xé-

que, Condessa! (Fernando, Maria, Graça, Simões e guardas sahem).

CONDES.—(Tremula de raiva). Não, senhor Conde!... Resta-me ainda a nodoa que o macúla, os ciumes de Fernando e o sr. D. Francisco de Menezes!

FIM DO ACTO TERCEIRO E DO QUADRO QUARTO.

Acto quarto.

QUADRO QUINTO.

Salão.

SCENA 1.ª

Graça, Simões, um creado.

GRA.—Rapaz, queremos fallar á sra. Viscondessa.

CREADO.—Não sei si a senhora poderá fallar.

SIM.—É bastante dizer-lhe que é mestre Simões, futuro tabellião em Villa-Pouca de Aguiar e o sr. Jeronymo da Graça, futuro avô dos meus futuros filhos. Anda... anda, rapaz!. (O creado sahe). Assim é que se deve fallar á esta corja.

GRA.—(Distrahido). Julgas que ella é feliz, Eduardo?..

SIM.—Quem? sua filha?—desde que se casar commigo....

GRA.—Não fallo della: refiro-me á sra. Viscondessa. São bem crueis os seus inimigos..

SIM.—Qual! si triumphámos. Aposto que vamos vê-la radiante de belleza e felicidade.

GRA.—Deus o queira.... Ahí vem ella.

SCENA 2.ª

Os mesmos e Maria.

MAR.—(Entrando, pallida e abatida). Desejastes vêr-me, meus amigos: não fallo a ninguem: vós, porém, sois exceptuados.

GRA.—Quanta bondade, minha senhora... Eu vinha... nós vinhamos... (Baixo). Falla, rapaz.

(Continúa.)